



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 9, NÚMERO 2, CRATO – CE, MARÇO DE 2025 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 17/12/2024 ACEITO EM: 23/01/2025 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

QUAIS OS PRINCIPAIS MÉTODOS INTERPRETATIVOS E SUA RELEVÂNCIA À LEITURA BÍBLICA? PANORAMA E CONVERGÊNCIA DAS ABORDAGENS HISTÓRICA, LITERÁRIA E TEOLÓGICA EXEMPLIFICADAS EM 2 JOÃO

What are the main interpretative methods and their relevance to biblical reading? Overview and convergence of the Historical, Literary and Theological approaches exemplified in 2 John

Matheus Rodrigues de Brito¹

 DOI: <https://doi.org/10.58882/clq.v9i2.197>

RESUMO: Quais são os principais métodos interpretativos e sua relevância à leitura bíblica? O objetivo deste artigo é elencar as principais abordagens de interpretação que podem responder à pergunta central, sendo elas: a histórica, a literária e a teológica. Neste texto, são brevemente destacados os aspectos gerais sobre cada abordagem, sua história, proponentes importantes e como realizam o ato da leitura interpretativa da Bíblia. O texto bíblico de 2 João é utilizado como exemplo da aplicação de cada contexto interpretativo. A conclusão ressalta a importância de uma leitura multifacetada, que considera os contextos histórico, literário e teológico em consonância.

Palavras-chave: Interpretação bíblica; Métodos interpretativos; Teologia Bíblica; 2 João.

ABSTRACT: What are the main interpretative methods and are they relevant to biblical reading? The aim of this article is to list the main approaches to interpretation that can answer the central question: historical, literary and theological. In this text, we briefly highlight the general aspects of each approach, its history, important proponents and how it accomplishes the act of interpreting the Bible. The biblical text of 2 John is used as an example of the application of each interpretive context. The conclusion emphasizes the importance of a multifaceted reading, which considers the historical, literary and theological contexts accordingly.

Keywords: Biblical interpretation; Interpretive methods; Biblical theology; 2 John.

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná – FABAPAR. E-mail para contato: matheus.r.brito@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a Bíblia tem passado por diferentes interpretações; até do mesmo texto bíblico se podem extrair diversas percepções. Então, quais seriam os principais métodos interpretativos e sua relevância à leitura bíblica? Neste artigo, o objetivo se destina a apresentar de modo sucinto os principais métodos interpretativos que têm sido utilizados ao longo da história, seja em um passado mais distante ou contemporâneo. As principais abordagens são: histórica, literária e teológica; e o propósito é a tentativa de responder em o que exatamente consiste cada uma delas. O leitor da Bíblia pode ficar confuso diante da variedade de métodos interpretativos, sendo assim, se torna relevante destacar alguns aspectos gerais das principais abordagens.

Para que a pergunta central seja respondida, a pesquisa se situará sobre estes três contextos interpretativos. O modo que será respondido é tratando em cada seção resumidamente sobre os contextos interpretativos. A estrutura se dividirá em quatro seções, a primeira destacará a abordagem histórica, a segunda a literária e a terceira a teológica, além disso, cada seção traz uma lógica interna, explicando as abordagens de modo crescente, desde sua origem a como realiza a interpretação da Bíblia. A última seção, tem como objetivo realizar a convergência entre os três contextos interpretativos e exemplificar a utilização destes em um texto bíblico.

Em síntese, observará a abordagem histórica, literária e teológica, visualizando a partir da sua origem quais os principais proponentes e justamente o que seria ler um texto bíblico a partir de cada abordagem. A fim de tornar mais lúcida a aplicabilidade destas abordagens, após discorrer sobre elas de maneira teórica, o último tópico apresentará uma interpretação bíblica do texto de 2 João por meio de cada viés citado, resultando na proposta de um possível equilíbrio das três



perspectivas e as contribuições que podem resultar a combinação dos meios interpretativos.

2 PANORAMA DO CONTEXTO INTERPRETATIVO HISTÓRICO

Uma das maneiras de se interpretar foi observando o texto bíblico historicamente. Nos círculos acadêmicos, alguns eruditos estabeleceram maneiras de interpretar a Bíblia, e esse viés elencado busca descobrir o ambiente histórico por trás do texto. Em linhas gerais, o objetivo desse método é relacionar aspectos do texto com sua gênese, sobre um olhar fundamentalmente diacrônico². As duas preocupações básicas são: reconstruir os eventos do mundo por trás do texto e analisar os estágios de formação do texto bíblico.³ Vale ressaltar que a crítica histórica e pesquisas nesta área, bem como os autores mencionados posteriormente, analisam predominantemente o Antigo Testamento, ainda assim, a abordagem histórica é utilizada, visível e útil no Novo Testamento, como será destacado na última seção.

O contexto interpretativo histórico, “[...] tem sido definido como um método exegético. É um método usado na análise diacrônica da Bíblia” (Schmitt, 2019, p. 326). Alguns pesquisadores têm atribuído o desenvolvimento desse método à Reforma Protestante, na qual de modo embrionário, a centralidade atribuída à Bíblia e à maneira de ler criticamente o texto desencadearia no modelo histórico-crítico. Também, não se pode descartar a influência do pensamento iluminista que conduziu ao pensamento mais racional e teve seus ecos no estudo histórico e crítico da Bíblia (Schmitt, 2019, p. 327, 330). Ou seja, pode-se dizer que a

2 Por exemplo, olha-se para a história do povo de Israel no Antigo Testamento e qual foi a compreensão deles a respeito de Deus de modo progressivo (diacrônico). Para uma explicação mais extensa, recomenda-se a obra de: LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 189-194.

3 Para uma explanação de modo detalhado acerca do método histórico-crítico, consultar a obra de BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017. Seu texto apresenta todo esse método, de seu início a um período recente, as páginas 221-269 descrevem bem o que é tratado resumidamente nesta pesquisa.



abordagem histórica foi uma “[...] herdeira legítima do iluminismo e da modernidade em seus pressupostos científicos e visão de mundo” (Nogueira, 2019, p. 299).

A proposta inicial interpretativa, a partir da influência citada, consistia em elaborar um método pelo qual fosse possível interpretar o texto se isentando de possíveis pressupostos e utilizando a razão e a ciência moderna como ferramentas para o empreendimento, por conseguinte, o alvo se consolidava em alcançar o sentido histórico verdadeiro de um texto. Possivelmente se originou no fim do séc. 17 (Lopes, 2013, p. 189).

Outro pontapé para a consolidação da abordagem histórica é a palestra de J. P. Gabler em 1787, o qual apresentou uma ideia de possível separação entre as disciplinas de dogmática e teologia bíblica, e muitas vezes é mencionado como o pai da teologia bíblica (Smith, 2001, p. 29). A tentativa consistiu em distinguir a interpretação somente teológica do Antigo Testamento e a percepção dogmática da igreja, realocando-a como uma tarefa puramente histórica. Desse modo, os acadêmicos se consideravam os historiadores responsáveis nessa tarefa reconstitutiva do texto bíblico em seu contexto histórico. Uma consequência não favorável é a rejeição de qualquer sentido normativo da Bíblia (Brueggemann, 2014, p. 37).

A tarefa da reconstrução histórica e a rejeição do sentido normativo, produziu algumas dificuldades. Para Brueggemann (2014, p. 38, 41), não possui apenas um aspecto negativo, afinal “[...] os ganhos da crítica histórica são imensos, e nenhum leitor informado pode proceder sem prestar atenção aos mesmos”. No entanto, malefícios surgiram com esse método, em que “[...] a Bíblia era entendida quase que exclusivamente como uma série de desenvolvimentos religiosos, cada um dos quais era completamente contido em seu próprio contexto cultural; cada um dos quais foi testado por ‘uma razão universal’”.



A percepção anteriormente citada não difere da concepção de Lopes (2013, p. 194-195), o qual entende que o método trouxe benefícios e malefícios: “Muito embora o método histórico-crítico tenha avançado em alguns aspectos do nosso conhecimento de como a Bíblia foi feita, seus pressupostos acabaram por tirar o sobrenatural da Bíblia”. Em seu ponto de vista, a leitura crítica histórica (isto é, o método crítico-histórico, que distingue-se da investigação do contexto histórico, a qual busca-se observar o que ocorria no momento em que o texto foi escrito e não a aplicação do método em si) conduz o leitor a deixar as Escrituras como palavra de Deus de lado, ao passo que conduz à um olhar apenas de um testemunho de fé do povo de Israel e a igreja em seu início, não se encontra a Deus na leitura bíblica, mas a fé desses antigos.

3 PANORAMA DO CONTEXTO INTERPRETATIVO LITERÁRIO

Outra maneira de se ler a Bíblia é a abordagem literária, que analisa o texto em si mesmo e na forma em que chegou ao leitor. Após o avanço e apropriação da crítica histórica, na década de 1970, a abordagem literária do texto bíblico ganhou um grande número de adeptos e foi se estabelecendo com o passar do tempo (Lima, 2015, p. 155). Embora a ênfase do método interpretativo literário teve sua guinada por volta de 1970, um autor de renome e pioneiro da crítica literária moderna, chamado Erich Auerbach (1892-1957), já havia publicado sua clássica obra intitulada *Mimesis* em 1947⁴. Outro nome de grande influência é Robert Alter e sua contribuição à crítica literária com suas obras (Bray, 2017, p. 471).

Antecedentes a estes autores que influenciaram a propagação da interpretação literária, a linguística como ciência moderna teve grande contribuição para

4 O capítulo um de sua obra exemplifica bem a sua análise literária de um texto bíblico, neste trecho, o autor relaciona aspectos literários da clássica obra *Odisseia* com Gênesis 22. Consultar AUERBACH, Erich. *A Cicatriz de Ulisses*. In: AUERBACH, Erich. *Mimesis*: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2011.



os estudos literários, como exemplo, podem ser citados os desenvolvimentos na teoria literária fora do campo de estudos bíblicos, em 1920 por I. A. Richards e T. S. Eliot (Bray, 2017, p. 471). Ambos serviram como inspiração à chamada crítica narrativa ou nova crítica literária, destacando-se nos Estados Unidos na década de 1940, ainda produzindo algum impacto na hermenêutica bíblica atual (Lopes, 2013, p. 228). Portanto, teve um “[...] efeito, parece que se chegou a um ponto de transição na história da crítica, pois a Bíblia, sob um novo aspecto, reocupou a cultura literária” (Alter, 1997, p. 13).

A lacuna do que propriamente consiste a análise literária do texto bíblico ainda deve ser suprida. A compreensão de ler a Bíblia como literatura varia de autor para autor e os pressupostos que cada um utiliza, por exemplo: se a Bíblia é considerada como um livro sagrado e inerrante ou não, os resultados e as análises serão diferentes. Ainda assim, os pontos de contato podem ser observados, a consonância é em analisar o texto bíblico percebendo o seu “[...] papel finamente modulado a cada momento, quase sempre determinante na escolha exata de palavras e detalhes, no ritmo da narração, nos pequenos movimentos do diálogo e em toda uma teia de relações que se ramificam pelo texto” (Alter, 2007, p. 15). Portanto, é justamente o ato de verificar as questões literárias, não apenas o que é relatado, mas também a forma como algo é expressado, seja em variados gêneros literários, narrativa, poesia, profecia, etc. (Ryken, 2023, p. 20-21).⁵

Ler a Bíblia como literatura, para um crítico que não a tem como palavra de Deus, pode ser uma abordagem que “[...] deve estar de acordo com as teorias literárias contemporâneas e deixar de lado o tradicional *status* religioso que

5 Leland Ryken, apresenta em sua obra uma introdução aos gêneros e tipos literários contidos na Bíblia, entende e apresenta a importância de observar o texto bíblico de maneira convergente nos aspectos históricos, literários e teológicos, ainda assim, aborda sua ideia principal, demonstrando a análise literária em alguns textos, considerando-os palavra de Deus. Consultar RYKEN, Leland. **Uma introdução literária à Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2023.



declara ser a Bíblia um livro distinto de todos os demais, um livro sagrado” (Lima, 2015, p. 154). Ainda assim, cabe uma leitura que aprecie os gêneros e todo aspecto literário do texto sem que se torne excludente “[...] a inspiração divina do texto bíblico. Mas, conforme já assinalado, se as narrativas desses autores são inspiradas por Deus, então elas também são mensagens proféticas da parte de Deus” (Waltke, 2015, p. 112).

O interesse da crítica literária é a Bíblia em seu estado final, a formação do texto da maneira que está e não a tentativa de reconstrução dele. Desta forma, houve o distanciamento da busca ao aspecto histórico. Além disso, vale destacar que a abordagem literária ocupou maior interesse com certos tipos de usos literários com uma ampla utilização ao longo do texto bíblico. A narrativa por exemplo, considerando que grande parte da Bíblia é uma história narrativa, o aspecto literário é em como essa história é contada em sua forma final. Há uma mudança de compreensão na narrativa caso se entenda se é verídica ou não, por exemplo, E. Auerbach e C. S. Lewis adotaram a percepção de uma narrativa realista, porque era real em sua veracidade, diferente de R. Alter que assemelha a narrativa a uma ficção (Bray, 2017, p. 489-491).

Neste ponto, percebe-se a importância de prestar a devida atenção ao ramo literário narrativo, pois é o ato em que se lê a Escritura na “perspectiva do narrador [...] porque os acontecimentos e personagens da Bíblia chegaram até nós apenas conforme os autores inspirados os apresentam. Vemos e ouvimos apenas por intermédio dos olhos e ouvidos do narrador” (Waltke, 2015, p. 121). Mas esta abordagem não apenas se ocupou com a narrativa, outro exemplo é a observação retórica que se ocupa em analisar literariamente os artifícios retóricos no texto (Bray, 2017, p. 491).

Dito isso, é possível elencar algumas características gerais do contexto interpretativo literário, embora seja difícil generalizar algo que pode haver varia-



ção de um autor para outro. Uma característica comum é a **autossuficiência**, o sentido do texto é contido nele mesmo e não fora dele. A negação da intenção autoral também é abordada, se o texto é suficiente em si mesmo a intenção do autor e o contexto histórico não têm tanta importância. Além dos mencionados, o autor bíblico é tido como um narrador que escreve seu texto visando produzir alguma reação em seus leitores, como um roteirista ou autor de peças teatrais (Lopes, 2013, p. 229). Assim sendo, percebe-se que ler a Bíblia de maneira literária é não a tratar apenas como um documento histórico, mas ver a beleza dos seus escritos e as ferramentas literárias utilizadas pelo autor humano para transmitir a palavra de Deus.

4 PANORAMA DO CONTEXTO INTERPRETATIVO TEOLÓGICO

Além do contexto interpretativo histórico e literário, outra abordagem é a dimensão teológica, sendo resumidamente o olhar daquilo que a Bíblia como Escritura e palavra de Deus fala aos seus leitores e à prática da vida cristã. A dimensão teológica conduz à uma leitura que preza pela lição do texto e sua aplicação à vida. Desse modo, torna-se a apropriação do que o texto bíblico diz a respeito de Deus. O objetivo é direcionar o intérprete e sua comunidade para conhecer a Deus através da prática de uma interpretação bíblica bem informada, responsável e fiel. Ou seja, a dimensão teológica faz com que o leitor se aproprie do texto bíblico trazendo para si, entendendo que há uma lição a ser aprendida, pois “[...] se nos aproximamos de um texto acreditando que não exista nada nele, provavelmente nos afastaremos dele tão vazios quanto chegamos” (Vanhooser, 2005, p. 42).

Lopes (2013, p. 211-215), destaca a influência e contribuição de Karl Barth para a interpretação teológica, o qual teve uma postura de possível indiferença à observação histórica do texto bíblico com a neo-ortodoxia (corrente teológica



decorrente de Barth), reagindo ao liberalismo, em que “Barth tenta resgatar o Cristianismo dizendo que a fé independe da História”.⁶ O ato de ler desta maneira “[...] propõe que a igreja leia a Bíblia sem levar em conta estes resultados, pois, afinal, a fé independe da historicidade da narrativa bíblica”. Outros intérpretes pós-modernos, como Paul Ricoeur⁷, também defendem a interpretação teológica do texto, a qual deve conduzir o leitor além da análise crítica para um encontro significativo com a realidade divina que o texto bíblico dá testemunho.

Observar um texto bíblico na dimensão teológica dele, parece ser o elemento final do processo exegético. Destaca-se o contexto em que ele foi escrito, os aspectos literários que evidenciam a estrutura e beleza artística do texto, e então, o convite ao envolvimento a partir de sua mensagem teológica, dirigida inicialmente ao público receptor e aos leitores atuais, especialmente àqueles que compreendem a Bíblia como um texto sagrado e contendo a mensagem divina da parte de Deus (Gorman, 2017, p. 163). Se apropriar do texto bíblico desta maneira, não torna excludente a abordagem histórica e literária, as quais se colocam com um papel informativo, mas complementa a dimensão teológica que visa “[...] permitir que o Espírito de Deus fale à essência do nosso ser. [...] Não podemos simplesmente conhecer o que a Bíblia diz ou queria dizer; precisamos digeri-la internamente e de forma transformadora” (Klein, Hubbard Jr., Blomberg, 2017, p. 742).

A reapropriação dessa abordagem pode ser vista como um possível descontentamento com as abordagens puramente históricas ou essencialmente literárias, embora antes do iluminismo, muitas vezes, foi considerada a única maneira de ler a Bíblia. Percebe-se um afincamento no período pós-modernista, seja

6 A compreensão interpretativa de Barth pode ser observada nos prefácios de sua obra “A Carta aos Romanos”: BARTH, Karl. **A Carta aos Romanos**: (segunda versão) 1922. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

7 A percepção hermenêutica de Ricoeur é explicada por Lewis S. Mudge na obra RICOEUR, Paul. **Ensaio sobre Interpretação Bíblica**. São Paulo: Novo Século, 2004.



com interesses teológicos ou mesmo leituras ideológicas da Bíblia. Nisso também cabe um destaque quanto à sua definição. Seria possível estabelecer uma definição da interpretação teológica?

Para Gorman (2017, p. 167-169), há uma gama de opiniões quanto à definição, mas um possível consenso é de que a abordagem teológica consiste na interpretação que se atenta à meta do texto, algo como o objetivo final dele. O exegeta que lê a Bíblia apenas como um documento antigo, puramente humano, seja por métodos históricos ou literários, não está se apropriando da interpretação teológica. Já o exegeta que busca a apropriação da mensagem do texto bíblico para guiar sua crença pessoal ou dentro de uma comunidade de fé, mesmo que utilize do método histórico e literário está fazendo sua interpretação teológica.

Em síntese, uma interpretação teológica conforme destacam Klein, Hubbard e Blomberg (2017, p. 741), promove a formação espiritual na vida cristã. Seria o envolvimento na leitura bíblica com a intenção de se alimentar espiritualmente. Na busca da mensagem do texto ao leitor, o intérprete se apropria e se desenvolve com a Escritura, seja “[...] para o nosso ministério e para o nosso relacionamento com as pessoas; tudo isso e muito mais traz instrução para a pessoa que busca andar com Deus.” Na busca não apenas do que o texto um dia significou, mas o resultado dele na vida cristã, “[...] fazemos o nosso estudo bíblico com toda a dedicação necessária, usando princípios sensatos de interpretação bíblica, e adotamos o que descobrimos em nosso caminhar com Deus.”

4 APLICAÇÃO DOS CONTEXTOS INTERPRETATIVOS À 2 JOÃO

Os contextos interpretativos foram analisados de maneira teórica, na presente seção observará como propriamente seria a utilização deles em um texto bíblico. A proposta é tecer um equilíbrio entre as três abordagens a fim de demonstrar a



utilidade de cada uma delas para a interpretação bíblica⁸. O texto analisado será 2 João, inicialmente a partir do seu aspecto histórico e, então, literário e teológico, de maneira resumida.

Pensar historicamente seria objetar quem é o público destinatário, o autor, quando foi escrito, a situação ocorrida, e claro, o contexto da perícopé específica. Como demonstração, será visto o que possivelmente estava acontecendo quando esse texto foi escrito e qual seria o problema enfrentado.

A afirmação mais concreta do contexto histórico que se pode obter do próprio texto é a ênfase na verdade e o amor, e o motivo pelo qual o escritor disse isso: “Digo isso porque muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Tal é o enganador e o anticristo” (2 Jo 7 NVI). Tentando extrair algo do contexto histórico, o que se pode fazer é formular hipóteses.

Uma possibilidade de olhar para esses enganadores é sendo os secessionistas, seriam aqueles que separam a natureza divina e humana de Cristo. O tratamento do problema seria uma continuidade de 1 João, em que esses enganadores teriam surgido da própria igreja (Keener, 2017, p. 833, 843).

Para Stott (1982, 36-44), os enganadores dos textos joaninos são alguns dos grupos dos gnósticos, especialmente um homem conhecido por Cerinto. Os gnósticos tinham uma perspectiva de que o ser humano deveria se libertar da carne e da impureza da matéria. É um termo que abrange sistemas pagãos, judaicos e semicristãos da época. Blomberg (2019, p. 651), o qual compreende que o problema enfrentado também são os gnósticos, chamados por ele de separatistas. O alerta de 2 João, recai no cuidado que os cristãos deveriam tomar com esses falsos mestres. João os estaria conduzindo “[...] a cristologia correta.

8 Um bom exemplo dessa combinação é aquela sugerida por G. K. Beale utilizando a exegese histórico-gramatical e contextual-canônica. Consultar BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria**. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 15-34.



João insta a congregação a tomar cuidado com os separatistas (v. 7)”. Desta maneira, é possível observar melhor o contexto dos cristãos receptores da carta.

Saindo do aspecto histórico, quando se atenta ao aspecto literário do texto, muito pode ser analisado. Apenas como exemplo, cabe ressaltar algumas particularidades literárias de 2 João. A repetição da palavra “verdade”, por exemplo, no versículo 1 indica aqueles que conhecem a verdade, e o verbo (*egnôkótes - ἐγνώκότες*), no modo participio do tempo perfeito, pode indicar uma ação feita no passado, com uma repercussão no presente. A versão ARC traduz bem quando coloca “os que têm conhecido a verdade”. Ou seja, o texto menciona cristãos que já conheceram a verdade em algum momento e continuam a conhecer. No versículo 2, a verdade permanece (*ménusan - μένουσαν*) nos cristãos, eles continuam a permanecer, pois o tempo presente do modo participio de (*μένουσας*) indica uma ação contínua, repetidas vezes. Já no versículo 4, a menção de (*peripatuntas en alêtheía - περιπατοῦντας ἐν ἀληθείᾳ*), isto é, “andando na verdade”, especificamente o verbo (*περιπατοῦντας*), também se encontra no presente e indica uma ação contínua. A tradução NVI e NVT podem esclarecer quando traduzem “andando” por “vivendo” (Godoi Filho, 2023, p. 51, 53).

No versículo 6, percebe-se um aspecto literário de um jogo de palavras em torno do amor e dos mandamentos, possivelmente para enfatizar o tema central. O jogo de palavras consiste em dizer que o amor (1) é andar segundo os mandamentos (2) e o mandamento é (1’) andar em amor (2’), o que demonstra basicamente que “o amor consiste em andar nos mandamentos de Deus” (Lopes, 2008, p. 34). Além disso, é importante notar o verbo (*peripatômen - περιπατῶμεν*) e (*peripatête - περιπατήτε*), sendo eles: andemos e andeis, os quais se encontram no tempo presente, indicando uma ação repetida ou contínua (Gusso, 2021, p. 174). Neste contexto, parece ser um termo que direciona à um “[...] modo de vida, muitas vezes com ênfase em ações costumeiras” (Louw, Nida, 2013, p. 450).



Uma outra observação literária é sobre os enganadores (2 Jo 7-11). Estes cometiam o ato de não confessar o Jesus vindo em carne, o que representa a contínua oposição dos enganadores ao verdadeiro ensino de que Jesus veio em carne. Além disso, o modo e o tempo do verbo já mencionado (*ὁμολογοῦντες*) é o presente do particípio ativo, o que indica uma recusa contínua desses enganadores em reconhecer a humanidade de Cristo (Kistemaker, 2008, p. 509-510). A continuidade da negação, demonstra que os enganadores eram homens que não queriam reconhecer essa encarnação (Hass, Swellengrebel, 1994, p. 167).

Por fim, a abordagem teológica do texto seria justamente a mensagem dele aos seus receptores e a apropriação dela para os leitores atuais. Logicamente o texto tem uma mensagem teológica central. Toda a ênfase na verdade e no amor uns aos outros, a partir da obediência aos mandamentos de Deus, reflete a mensagem teológica de 2 João, conforme diz Ladd (2003, p. 814) “Sua preocupação não é apenas polêmica, é também pastoral. Ele está preocupado em encorajar seus leitores a permanecerem em uma fé cristã sadia, e a viverem, de forma consistente, com uma conduta verdadeiramente cristã.” Se o principal fruto do falso ensinamento é a divisão causada, a solução preventiva à divisão é advertir ao amor fraternal. Não era um amor que os receptores do texto ainda não conheciam, embora mencione “mandamento novo” (v. 5) é um que tem “desde o princípio” (v. 6), isto é, a tradição do ensino de Jesus e o comprometimento que tiveram ao se converterem à fé cristã (Thielman, 2007, p. 668-669).

De maneira resumida, “O problema diz respeito à ‘verdade’ e ao ‘amor’ (2 Jo 3) - os falsos mestres itinerantes falham em ensinar a verdade sobre o Messias e falham em amar seus irmãos da comunidade” (Thielman, 2007, p. 667). Sendo assim, levar os cristãos a amar uns aos outros é a maneira do escritor ajudar o público receptor e as igrejas distantes a não passarem pela ruptura na comunhão que ele possivelmente experimentou (1 Jo 2.19). Além disso, diante de falsos



ensinos, era necessário andar de acordo com os mandamentos de Jesus, o qual se resume a amar uns aos outros de maneira prática (Thielman, 2007, p. 670).

Os versículos finais também apresentam uma mensagem teológica, em que os cristãos deveriam crer firmemente nas tradições do evangelho disseminado por Jesus e pelos apóstolos, lembrando que de fato Jesus é o filho de Deus, o próprio Deus, e que veio em carne. Por isso a ressalva de que aquele que “ultrapassa a doutrina de Cristo” não têm Deus (v. 9 ARA). O “ultrapassar” é absorver e acrescentar ideias contrárias às ensinadas pelos apóstolos sobre Cristo.

Uma das soluções para essa problemática era justamente não receber os falsos mestres em suas casas (v. 7-11), nas quais ocorriam a adoração e o ensino (Thielman, 2007, p. 670-674). Dito isso, o texto de 2 João pôde ser rapidamente lido em seus aspectos históricos, literários e teológicos, demonstrando a combinação e importância das abordagens para a interpretação bíblica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema inicial se consistiu na tentativa de elucidar quais são os principais métodos interpretativos e sua relevância à leitura bíblica. As observações introdutórias passaram pela história de cada abordagem, os principais proponentes e a leitura que cada um faz da Bíblia. A abordagem histórica tem como foco a reconstrução do texto em seu contexto, é a tentativa de resgate do sentido original, bem como dos aspectos que muitas vezes não se evidenciam claramente no texto em si.

A abordagem literária demonstra a riqueza da Bíblia como literatura, e foca em olhar para o gênero de cada texto e possíveis utilizações de elementos literários do autor bíblico. Já a abordagem teológica se concentra na apropriação do texto aos seus leitores; a mensagem que cada passagem específica deseja



passar e a lição a ser extraída. Por fim, destacou-se, a partir de 2 João, como de fato pode ser utilizado estes métodos.

Das ponderações realizadas, o que pôde ser visto é a relevância de cada abordagem e como limitar o texto exclusivamente a cada uma pode desfavorecer a leitura bíblica, e como a convergência entre elas pode favorecer a leitura. Cada contexto interpretativo tem suas qualidades e contribui para leitura da Escritura. O olhar histórico enriquece a interpretação e faz com que o leitor atual se situe no que estava ocorrendo. O viés literário traz à tona a riqueza harmoniosa e bela dos aspectos literários que o escritor bíblico inspirado por Deus utilizou. A percepção teológica torna o texto vívido ao seu leitor o conduzindo à uma apropriação da mensagem bíblica a ele.

Observar as abordagens interpretativas enriquece a leitura bíblica e até mesmo a produção de textos sobre ela. O equilíbrio interpretativo pode ser extremamente útil na elaboração de comentários, artigos, pregações ou outras atividades que envolvam a leitura interpretativa da Bíblia. Dessa maneira, compreende-se que a área teológica relacionada à hermenêutica, exegese ou interpretação em seu aspecto geral, tem um grande potencial em novas pesquisas. De maneira alguma o presente texto esgotou o assunto ou teve tal pretensão, mas serve aos estudiosos da Bíblia a considerarem as principais abordagens apresentadas e a conhecerem outros autores que dedicaram suas obras em torno desse assunto, os quais estão citados e mencionados nas referências. Sendo assim, o material contribui para a expansão de novas pesquisas sobre as abordagens interpretativas e a relevância de cada uma delas.

REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



ALTER, Robert; KERMODE, Frank. (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

AUERBACH, Erich. A Cicatriz de Ulisses. *In*: AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARTH, Karl. **A Carta aos Romanos**: (segunda versão) 1922. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora**: uma teologia bíblica da idolatria. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 15-34.

BÍBLIA. Português. **YouVersion**. Versão Almeida Revista e Corrigida - ARC. Sociedade Bíblica do Brasil. 2009. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/languages/por>. Acesso em: 12 set. 2024.

BÍBLIA. Português. **YouVersion**. Versão Almeida Revista e Atualizada - ARA. Sociedade Bíblica do Brasil. 1993. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/languages/por>. Acesso em: 12 set. 2024.

BÍBLIA. Português. **YouVersion**. Versão Nova Versão Internacional - NVI. Bíblia. 2011. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/languages/por>. Acesso em: 12 set. 2024.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**: testemunho, disputa e defesa. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

GODOI FILHO, José de. **Apostila de introdução ao Grego do Novo Testamento**. [S. n.]: Curitiba, 2023.

GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego**: do alfabeto à tradução, a partir do Novo Testamento passo a passo. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Vida Nova, 2021.



HASS, Marinus de Jonge C.; SWELLENGREBEL, J. L. **A handbook on the letters of John**: UBS Handbook Series. New York: United Bible Societies, 1994.

KEENER, Craig. S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KISTEMAKER, Simon. **Tiago e Epístolas de João**. 1. ed. (Comentário do Novo Testamento). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

KLEIN, William W.; HUBBARD JR., Robert L.; BLOMBERG, Craig L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. ed. rev. São Paulo: Editora Hagnos, 2003.

LIMA, Anderson de Oliveira. A Bíblia como literatura - A Bíblia como ficção. **Estudos de Religião**, v. 29, n. 1, p. 153-168, 2015. ISSN: 2176-1078. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342639>. Acesso em: 30 out. 2024.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

_____. **2 e 3 João e Judas**. 1. ed. (Série Interpretando o Novo Testamento). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (ed.). **Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

NOGUEIRA, Paulo. Os métodos histórico-críticos: pressupostos e pautas para renovação. **Estudos Teológicos**, [S. l.], v. 59, n. 2, p. 296–310, 2021. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/264. Acesso em: 16 set. 2024.

RICOEUR, Paul. **Ensaio sobre Interpretação Bíblica**. São Paulo: Novo Século, 2004.

RYKEN, Leland. **Uma introdução literária à Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2023.



SCHMITT, Flávio. Método histórico-crítico: um olhar em perspectiva. **Estudos Teológicos**, [S. l.], v. 59, n. 2, p. 325–339, 2021. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/ET/article/view/265. Acesso em: 16 set. 2024.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.

STOTT, John R. W. **As epístolas de João**: introdução e comentário. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1982.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. 1. ed. São Paulo: Shedd publicações, 2007.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: novos enfoques contemporâneos. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2005.

WALTKE, Bruce. **Teologia do Antigo Testamento**: uma abordagem exegética, canônica e temática. São Paulo: Vida Nova, 2015.

